

GUIA DAS AVES



CENTRO AMBIENTAL
EDOARDO BONETTI



CENTRO AMBIENTAL
EDOARDO BONETTI

GUIA DAS
AVES
CENTRO AMBIENTAL
EDOARDO BONETTI

Levantamento ornitológico e redação:
Vagner Luis Camilotti

Fotógrafos

Bjørn-Einar Nilsen
Christian Camargo
Claudio Timm
Danilo Schinke
Fábio André F. Jacomassa
Glaico Costa
João Bispo

Leonardo de Oliveira Casadei
Marília Vaz
Reginaldo Costa
Saulo Gomes
Vagner Luis Camilotti
Valeria Vieira

Foto da capa: Tucano-de-bico-verde
(*Ramphastos dicolorus*)

Autor: Marília Vaz

C183o Guia das aves do Centro Ambiental Edoardo Bonetti /
Vagner Luis Camilotti. – Centro Ambiental Edoardo
Bonetti, 2018.

72p. il

1. Aves – Brasil I. Camilotti, Vagner Luis II.

Centro Ambiental Edoardo Bonetti III. Título

CDD: 598.2981

INTRODUÇÃO

CONHEÇA O CENTRO AMBIENTAL EDOARDO BONETTI

O antigo centro de treinamento de executivos é hoje um espaço multifuncional, onde se realizam pesquisas, difusão de conhecimentos e produção de eventos.



Vista parcial do Centro Ambiental Edoardo Bonetti – Foto: Vagner Camilotti

Localizado em São José dos Campos e cercado por uma rica flora e fauna, o Centro Ambiental Edoardo Bonetti (CAEB) foi inaugurado em março de 2017 com o objetivo de se tornar um núcleo de atividades socioambiental e artístico-cultural.

Idealizado pelo casal Edoardo Bonetti e Ema Ely Salomão Bonetti – cujo sonho inicial era transformar um antigo centro de treinamento de executivos num espaço para a pesquisa e difusão de conhecimentos em diversas áreas – em pouco tempo o CAEB vem se tornando referência no Vale do Paraíba, promovendo diversas atividades culturais e ambientais através de encontros com pesquisadores, da realização de concertos com artistas renomados e da mobilização da comunidade em torno da arte, da cultura, da saúde e de novas práticas socioambientais.

Espaço Ambiental – Espaço Ambiental – O CAEB iniciou com atividades voltadas para a disseminação do conhecimento sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), Plantas Medicinais e Aromáticas em parceria com a Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), polo Pindamonhangaba, órgão da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. As atividades, coordenadas pela Eng. Agrônoma Cyntia Salles, buscaram capacitar multiplicadores da sociedade civil e de órgãos públicos da região. Através de uma parceria firmada com a Prefeitura Municipal de São José dos Campos e a Secretaria de Apoio Social ao Cidadão, o CAEB ofereceu oficinas de iniciação culinária com ênfase em segurança alimentar utilizando PANC em quatro unidades do CRAS (Centro de Referências da Assistência Social). As ações ambientais são atualmente gerenciadas pelo Eng. Florestal Rogério Mazzeo, responsável também pelo projeto do 'Pomar de Nativas', e pelas ações de educação ambiental no espaço.

Com um paisagismo que prioriza espécies nativas, o CAEB conta com uma vasta coleção de orquídeas, todas adquiridas em orquidários certificados, e tem sua vegetação arbórea e sua avifauna identificadas por especialistas. A área de reflorestamento com essências florestais nativas está inserida num ecótono, uma transição entre dois biomas – Cerrado e Mata Atlântica. Com 40 mil m² de área total, encontra-se num processo inicial de criação de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) com 19 mil m². Este procedimento é pioneiro no Vale do Paraíba, não somente pela inexistência no âmbito municipal de outras RPPNs, mas também por ser o protótipo para o desenvolvimento de uma legislação municipal, considerando que essas Unidades de Conservação (UC) hoje existem apenas no âmbito Estadual e Federal.

Espaço Artístico-Cultural – Formado por um complexo de 400 m que abriga espaços carinhosamente nomeados com algumas cidades do vale histórico, o CAEB atua nas seguintes áreas: Música – Clássica, Barroca, Jazz e Choro; Artes Plásticas – Exposições, Literatura, Filosofia, e Patrimônio Musical; curso de História da Música; ateliês com renomados artistas e pesquisadores; é parceiro e apoiador de diversos artistas em diferentes atividades na cidade; promove o programa anual de Residência Artística, para o desenvolvimento de projetos artísticos individuais ou em grupo, cujo enfoque é o aprimoramento da arte em suas diversas expressões (música, dança, artes gráficas, literatura, fotografia e pesquisa).

Segundo a diretora artística, Raquel Aranha, “o espaço cultural do CAEB representa um polo gerador de inúmeras atividades que passam por diversas áreas do conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento cultural da região. Trata-se de um núcleo ímpar que agrega ações na área de difusão, preservação de patrimônio musical, e performance artística. Firma-se, portanto, como um centro cultural pioneiro no Vale do Paraíba”, comemora. Iniciadas em 2017, as atividades culturais do CAEB trouxeram para a cidade a excelência em concertos de música de câmara, reunindo grandes intérpretes e solistas, do repertório do Barroco, do Jazz, e da Música Brasileira.

O CAEB está aberto para firmar parcerias com Universidades, pesquisadores e instituições públicas e privadas para o desenvolvimento de projetos na área de proteção de patrimônio musical do Vale do Paraíba, e de ações e práticas socioambientais.

Todo esse complexo socioambiental e artístico-cultural tem à frente a Dra. Ema Bonetti, a força motriz que leva adiante o sonho compartilhado com seu companheiro, de resgatar a cultura do Vale Histórico, de preservar o meio ambiente, elevando a consciência e cultura para a sustentabilidade dos recursos naturais, além de valorizar o homem através da cultura, da arte e da criatividade humana.

“Todo o meu esforço para realizar ações ambientais e culturais, vão ao encontro da intenção do meu marido, Edoardo, de deixar um legado para comunidade e é isso que eu estou cumprindo... É minha missão”, afirma Ema Ely Salomão Bonetti.

A DIVERSIDADE DE AVES

Observar uma ave é uma volta no tempo, exatamente para o tempo dos dinossauros. De uma certa forma, é possível afirmar que os dinossauros não foram completamente extintos, já que hoje ainda podemos observar seus descendentes diretos mesmo numa metrópole como São Paulo. O porquê dessa afirmação reside no fato de que as aves são originárias de um grupo de dinossauros chamados terópodes e a diferenciação para as formas que vemos hoje teve início durante a era Mesozoica (compreendida entre 251 milhões e 65,5 milhões de anos atrás). A associação íntima entre dinossauros e aves surgiu quando da descoberta da ave primitiva *Archaeopteryx* em 1861, na Alemanha. Essa ave primitiva de 70 cm de comprimento tinha pernas e penas de aves, e dentes e cauda de réptil, apresentando nitidamente uma espécie em transição. No entanto, ainda falta uma clareza sobre a origem exata desse grupo e algumas controvérsias ocorrem.

Esse longo tempo evolutivo, associado com a diversidade de ambientes em que esses animais ocorrem, levou as aves a ser um dos organismos mais diversos entre os vertebrados terrestres. O número hoje de espécies chega a aproximadamente 10 mil no planeta, sendo 1919 (19%) dessas ocorrentes no Brasil que ocupa o segundo lugar, atrás da Colômbia, em termos de riqueza de espécies desse grupo.

Para os que se atentam a observar aves, mesmo que de forma esporádica ou pelo convívio ao longo do tempo com elas, é perceptível que algumas desaparecem de um dado local, em uma dada época do ano. Isso decorre do movimento de migração de certas espécies para outras regiões do país, e mesmo na América. Ainda, algumas espécies podem apresentar um movimento migratório dentro da mesma região geográfica, como é o caso do sai-andorinha (*Tersina viridis*), que migra entre as regiões altas e baixas da costa Atlântica no inverno e verão. De uma forma geral, 92% das espécies ocorrentes no país são residentes (passam todas as estações do ano em território brasileiro) e 8% das espécies migram para outros países entre as estações da primavera e verão. Dessas, 61% vem do Hemisfério Norte e 39% do Hemisfério Sul.

Quem tiver a oportunidade de observar aves em outras regiões do país – e mesmo dentro de um Estado, andando por diferentes tipos de ambientes – poderá se deparar com o fato de que há regiões mais e menos ricas em espécies do que outras. A distribuição das espécies é

bem desigual ao longo do território brasileiro. A maioria está distribuída na região amazônica (1300 espécies) e na Mata Atlântica (1020 espécies). O estado de São Paulo, por exemplo, possui até o momento 816 espécies registradas, correspondendo a aproximadamente 43% das espécies brasileiras. Áreas abertas ou semiabertas, como o Pampa, Cerrado e Caatinga, terão um número menor de espécies em função da complexidade do seu ambiente que irá fornecer menos recursos para a ocorrência de uma avifauna tão diversa quanto aquela na Amazônia e na Mata Atlântica. Mesmo tendo um número menor de espécies, esses ambientes apresentam espécies endêmicas (que só ocorrem nesses locais) de diversos grupos de fauna e flora, o que os tornam biomas importantes para a conservação da biodiversidade.

Analizando especificamente a Mata Atlântica (MA), local onde nos encontramos predominantemente aqui inseridos, 30% das espécies de aves do bioma são endêmicas e, o que é mais preocupante, 63% só ocorrem em habitats sem perturbação – ou seja, são espécies que não toleram distúrbio humano no ambiente. Muitas das espécies são difíceis de serem encontradas por observadores amadores – e mesmo por ornitólogos profissionais – devido à sua raridade no ambiente. Das espécies da MA, 68% são consideradas raras (possuem pequeno tamanho populacional, ou são restritas a determinados habitats, ou tem sua distribuição restrita geograficamente, ou mesmo por um misto desses parâmetros). A raridade é um dos principais determinantes da vulnerabilidade à extinção para as espécies.

AS AMEAÇAS PARA AS AVES

É comum no jornal diário alguma notícia sobre caça, comércio ilegal de animais silvestres, desmatamento etc., em todos os cantos do país e mesmo do planeta. Os impactos para a biodiversidade são severos e tem levado à extinção inúmeras espécies, seja de plantas, invertebrados e mesmo vertebrados. No último estudo do Ministério do Meio Ambiente, foi constatado que 598 espécies da fauna (vertebrados e invertebrados) estão ameaçadas de extinção, sendo 428 dessas endêmicas ao bioma.

Nem tudo é beleza quando se pensa sobre as aves uma vez que, desde o ano de 1500 até o momento, já foram extintas no planeta em torno de 200 espécies de aves e cerca de 1300 espécies estão na lista de espécies ameaçadas. Sabe-se, por exemplo, que as ilhas do Havaí e de Guam tiveram, respectivamente, 30% e 60% de suas aves extintas desde a chegada do homem branco, principalmente pela introdução de espécies exóticas (como cobras, ratos, mosquitos e gatos). No Brasil, é estimado que 234 espécies estão ameaçadas de extinção e, dessas, aproximadamente 70% ocorrem no bioma da Mata Atlântica. Infelizmente, já é impossível termos o contato com cinco espécies da nossa avifauna, extintas na natureza ao longo da ocupação humana pós-colonização portuguesa.

A perda de habitat das espécies por ações humanas se destaca como a principal causa de extinção. Essa perda ocorre através da degradação de florestas, cerrados, matas de restinga, campos e outros tipos de ecossistemas para a produção agrícola, madeireira e para o crescimento urbano, pela contaminação de corpos d'água com lixo e por contaminantes químicos. No Brasil, para se ter uma ideia, em torno de 90% da Mata Atlântica já foi destruída para outros usos. A Amazônia, maior floresta tropical do mundo e responsável pela maior biodiversidade que existe hoje no planeta, tem sofrido o mesmo processo e as estimativas chegam a uma perda de aproximadamente 20%. Recentemente, foi apontando que, se o desmatamento atingir 25-30%, a Amazônia poderá ser incapaz de manter a sua resiliência, podendo impactar todo o sistema climático planetário. A perda das florestas, no fim, impacta também a nossa própria sobrevivência. Por mais que seja vago imaginar que nós, seres humanos, poderemos ser extintos pela devastação ambiental, podemos ter certeza de que a nossa qualidade de vida irá mudar drasticamente, seja pelas mudanças climáticas associadas à destruição ambiental ou mesmo pela falta ou escassez de recursos essenciais para a nossa vida.

A OBSERVAÇÃO DE AVES (BIRDPWATCHING)

A observação de aves pode ser uma prática inerente à natureza do ser humano, porém, possivelmente latente, adormecida em nós. Essa ideia surge da teoria da biofilia, do biólogo americano Edward O. Wilson, que postula a nossa ligação inata às diversas formas de vida por termos simplesmente evoluído junto com elas. Uma vez despertado o interesse, seja pelos seus cantos, formas e cores, é natural o desenvolvimento de um interesse maior pelo que observamos na forma de perguntas: “O que ele come?”, “Por que ele canta assim?”, “Qual o nome científico dele?” e tantos outros *porquês e comos*.

As aves, diferente de outros vertebrados, são facilmente observáveis no ambiente ao nosso redor. Seus hábitos são comuns no nosso dia-a-dia e mesmo numa caminhada numa rua moderadamente movimentada, desde que bem arborizada, poderemos encontrar facilmente algumas espécies. O que dirá então numa área natural, com pouca perturbação humana. A prática de observação atrai principalmente os apreciadores da natureza, entre os quais os aficionados por esse grupo fantástico de seres. Essa prática é tão desenvolvida em países como os Estados Unidos que existe até um campeonato anual de observação de aves, retratado na comédia hollywoodiana *The Big Year* (O Grande Ano). Nesse país, como também no Reino Unido, observadores amadores colaboram anualmente com o monitoramento da avifauna ao fornecer registros para um banco de dados nacional que monitora o status das populações das espécies. Atividades populares similares a essa têm sido chamadas de ciência cidadã por envolver pessoas fora do meio acadêmico em atividades científicas. Dessa forma, a observação de aves colabora também com a conservação desse grupo e, indiretamente, de outras espécies da biodiversidade, já que medidas protetivas para as aves beneficiam também outros grupos.

Observar aves provê ao observador uma gama de benefícios, sejam eles intelectuais, recreativos e mesmo científicos. Além disto, estudos científicos mostram que práticas na natureza, como a própria observação de aves, têm também um efeito benéfico para a saúde mental. Sair para observar aves tira as pessoas da rotina semanal e as afasta das preocupações diárias. É uma distração saudável que, além de exercitar nosso cérebro com novos conhecimentos, ajuda na prevenção de doenças como o Alzheimer.

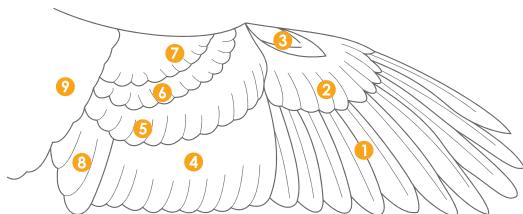
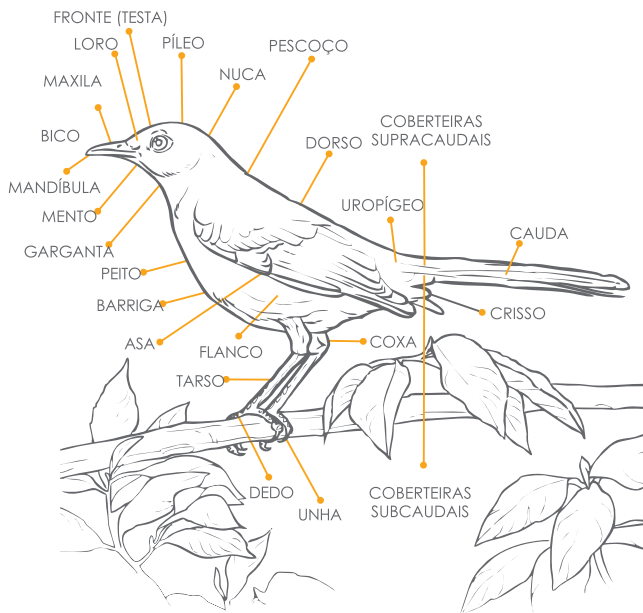
Além de fazer novos amigos nos grupos de observação, a prática também requer caminhadas por um período considerável, ajudando a melhorar a saúde física. Observar aves também leva as pessoas a diferentes lugares em busca de novas espécies para suas listas. Esses apontamentos refletem a importância que a biodiversidade tem para o nosso bem-estar, e de como os investimentos para a sua conservação acabam tendo enormes resultados positivos para nós. Assim, conservar a natureza é também um meio para nos mantermos saudáveis. Através da observação das aves, ainda é possível desenvolver uma percepção do ambiente e sensibilizar as pessoas para a necessidade de atuarem na conservação das espécies e dos espaços verdes, e na ampliação no número desses.

Possivelmente influenciado por um crescente mercado turístico internacional para a observação de aves – para se ter uma ideia, essa atividade chega a ter em torno de 70 milhões de praticantes nos Estados Unidos – a atividade tem crescido no Brasil com a formação de pessoas treinadas na identificação das espécies e no aumento da bibliografia especializada. Estimativas recentes mostram que turistas americanos movimentam uma economia de US\$ 10 bilhões anualmente em torno de atividades de observação de aves. Embora ainda concentrada em regiões turísticas e coordenadas por grupos específicos (clubes de observadores, empresas turísticas especializadas), é comum encontrarmos entusiastas independentes e mesmo iniciativas de educação ambiental em escolas em diversas regiões do país.

Dentro dessa perspectiva e movidos pela ideia da disseminação da atividade em São José dos Campos, tanto para fins de lazer como educativos, o presente guia de espécies de aves ocorrentes na área do CAEB busca ser um meio de conexão entre o observador e as espécies do local. Nosso grande objetivo com esse trabalho é abrir as portas desse mundo sensacional para as pessoas que visitarem o CAEB e, assim, proporcionar uma experiência nova, diferente e prazerosa com o mundo natural e a grande biodiversidade brasileira. Que essa seja uma porta de incentivo para a conservação da biodiversidade local, regional e global, uma vez que o nosso bem-estar, nossa qualidade de vida, também depende de um planeta saudável que depende de uma natureza conservada.

Vagner Luis Camilotti

Médico Veterinário (UFSM), Mestre em Ecologia (UFRGS),
Doutor em Ciência dos Sistema Terrestre (INPE)



1. Rêmiges primárias; 2. Penas de cobertura primárias; 3. Álula; 4. Rêmiges secundárias; 5. Penas de cobertura secundárias; 6. Penas de cobertura secundárias; 7. Penas de cobertura secundárias; 8. Rêmiges terciárias; 9. Escapulares



ÍNDICE

Cracidae	13
Cathartidae	13
Accipitridae	14
Falconidae	15
Rallidae	16
Columbidae	17
Psittacidae	19
Cuculidae	21
Strigidae	23
Caprimulgidae	24
Apodidae	24
Trochilidae	25
Ramphastidae	28
Picidae	29
Thamnophilidae	33
Dendrocolaptidae	34
Furnariidae	35
Tityridae	37
Rhynchocyclidae	37
Tyrannidae	39
Vireonidae	47
Corvidae	48
Hirundinidae	49
Troglodytidae	50
Turdidae	50
Mimidae	52
Parulidae	53
Passerelidae	54
Thraupidae	54
Icteridae	63
Fringillidae	64
Passeridae	65
Estrildidae	65

● FAMÍLIA CRACIDAE

Foto: Marília Vaz



JACUAÇU

Penelope obscura



Características físicas:

Coloração verde-bronze-escura; o manto, pescoço e o peito possuem estrias finas de coloração branca. Pernas anegradas, diferente dos outros jacus, com tons mais avermelhados. O macho possui a íris vermelha, ao contrário da fêmea. Espécie grande e barulhenta, notável pelo forte ruído que produz com as asas enquanto voa.



Alimentação

Frutos, sementes, folhas e artrópodes. Desce também ao chão para forragear.



Ambiente

Espécie florestal, embora seja vista vagando por áreas abertas em grupo.



Tamanho

68-75 cm

● FAMÍLIA CATHARTIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



URUBU-DE-CABEÇA-PRETA

Coragyps atratus



Características físicas:

Para diferenciá-la quando em voo das outras duas espécies de urubus de coloração negra, deve-se observar o formato das asas. As duas asas dessa espécie fazem uma linha horizontal, enquanto que nas outras duas, as asas formam algo como um V. Além disso, o urubu-de-cabeça-preta apresenta uma mancha branca na ponta ventral de cada asa.



Alimentação

Basicamente de animais mortos. Já foi observada se alimentando de capivara viva com feridas na região lombar.



Ambiente

Pode ser vista eventualmente em cidades, pousada no alto de prédios ou em árvores altas, sendo mais facilmente observável em áreas de periferia onde existam lixões e terrenos abandonados.



Tamanho

53-60 cm

Foto: Valéria Vieira



URUBU-DE-CABEÇA-VERMELHA

Cathartes aura



Características físicas:

Além da cabeça vermelha, difícil de ser observada quando em voo em grandes alturas, é possível o diferenciar em voo do urubu-de-cabeça preta pela área esbranquiçada que se estende ao longo da asa, que formam um nítido V. Em áreas de simpatria com o urubu-de-cabeça-amarela, essas características podem causar confusão na identificação pela semelhança morfológica.



Alimentação

Saprófaga; olfato apurado, muito mais do que o do urubu-de-cabeça-preta.



Ambiente

Campos e matas.



Tamanho

53-60 cm

● FAMÍLIA ACCIPITRIDAE

GAVIÃO-CARIJÓ

Rupornis magnirostris

Foto: Marília Vaz



Características físicas:

Machos são menores do que as fêmeas. Imaturos diferem dos machos e podem ser confundidos com outras espécies pela coloração marrom-carijó. Adultos: ponta do bico negra com a base amarelada; cabeça e a parte superior das asas apresenta cor marrom, passando a cinza com o envelhecimento. O peito e o ventre é estriado numa cor ferruginea e creme. Na cauda se observam faixas largas pretas e brancas. Quando em voo, as asas apresentam na face inferior um padrão o bege estriado com finas listras escuras nas pontas. Bico recurvado escuro com cere amarela. A íris é clara. Os tarsos e pés são amarelos e apresentam garras escuras.



Alimentação

Artrópodes e pequenos vertebrados.



Ambiente

Áreas abertas e bordas de mata. Também em áreas urbanas, principalmente se houver árvores grandes.



Tamanho

33-41 cm

● FAMÍLIA FALCONIDAE

Foto: Claudio Timm



CARCARÁ, CARACARÁ OU CARANCHO

Caracara plancus



Características físicas:

Quando pousado, fica fácil observar o topo da cabeça (píleo) preto e o laranja da cera (face). O bico é adunco e alto num formato semelhante à lâmina de um cutelo. Dorso e ventre negro. No peito há uma combinação de marrom-claro e faixas pretas, algo carijó. Pés compridos e amarelos. Em voo, assemelha-se a um urubu, mas é reconhecível por duas manchas de cor clara na extremidade das asas. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Pequenos vertebrados (mamíferos, aves e répteis), carniças.



Ambiente

Áreas abertas e cerrados.



Tamanho

56 cm, chegando a 123 cm de envergadura.

Foto: Saulo Gomes



CARRAPATEIRO, GAVIÃO-PINHÊ

Milvago chimachima



Características físicas:

Cabeça e corpo branco-amarelado, dorso marrom-escuro, listra pós-ocular (listra superciliar) preta, asas longas com mancha branca perceptível quando em voo. A cauda é longa com larga listra marrom escura na ponta. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Pequenos vertebrados, carniças, invertebrados (comum visto sobre animais se alimentando de parasitas).



Ambiente

Áreas abertas.



Tamanho

40 cm



QUIRIQUIRI

Falco sparverius



Características físicas:

Macho é cinza-azulado no alto da cabeça e asa, enquanto há um marrom-avermelhado nas costas e na cauda, finamente estriadas de negro. A cauda tem uma faixa negra subterminal com a ponta branca. As partes inferiores são brancas, com pontos negros no peito e barrigas, mais densos nos lados do corpo. Abaixo do olho, uma mancha negra que lembra uma lágrima. Há uma outra mancha preta na região auricular e na nuca. Fêmea: costas e asas num marrom-avermelhado, com as estrias negras finas, sem o cinza-azulado do dorso do macho ou a faixa negra subterminal na cauda. As partes inferiores são de tom marrom-alaranjado-claro, com riscos finos, verticais e negros, sem o padrão de pontos do macho. O desenho e cores da cabeça são iguais. Os filhotes já saem do ninho com a plumagem do sexo correspondente.



Alimentação

Pequenos vertebrados, carniças, invertebrados (comumente visto sobre animais se alimentando de parasitas).



Ambiente

Áreas abertas e em cidades.



Tamanho

21 - 31 cm

● FAMÍLIA RALLIDAE

SARACURA-DO-MATO

Aramides saracura



Características físicas:

Coroa e as laterais da cabeça cinza-amarronzadas; loro e a região auricular cinza; nuca, a porção posterior do pescoço e o flanco superior do peito são acastanhados que vai se tornando marrom-olivácea ao atingir o manto e as costas da ave; coberteiras das asas e costas verde-olivácea e rêmiges primárias marrom-acastanhadas; uropígio marrom, penas supracaudais e da cauda pretas (frequentemente ericadas); queixo e garganta são esbranquiçados; lateral do pescoço, flancos, peito e ventre apresentam bela coloração cinza-azulada; crissó é preto; penas infracaudais também são pretas; iris e anel periocular vermelhos carmim; bico verde-amarelado com a base azulada; tarsos e pés rosa-avermelhados. Os filhotes da espécie são marrom-escuros quase pretos e sua coroa marrom-escuro. Seus olhos, bico e pernas são pretos. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Brotos, artrópodes e pequenos vertebrados; desovas de anfíbios.



Ambiente

Florestas e matas, preferindo as áreas pantanosas e alagadiças.



Tamanho

34-37 cm

● FAMÍLIA COLUMBIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



**ROLINHA-ROXA,
ROLINHA-CALDO-DE-FEIJÃO**
Columbina talpacoti



Características físicas:

Macho com coloração marrom-avermelhada no corpo contrastando com o cinza-azulado da cabeça. A fêmea é toda parda. Possuem manchas pretas nas penas das asas.



Alimentação

Sementes e frutos.



Ambiente

Encontrada principalmente no solo ou pousada em galhos e fios; muito comum em áreas urbanas; áreas abertas (campos e cerrados), bordas de matas.



Tamanho

15-17 cm

Foto: Fabio Andre F. Jacomassa



ROLINHA-PICUÍ
Columbina picui



Características físicas:

Espécie que tem diferenças nas cores em função das subespécies no país. No nordeste, a plumagem é toda branca, vindo daí um dos nomes comuns. No Pantanal, domina um tom pardo-amarronzado.

Asa com uma listra escura (iridescente sob luz). Ao voar: cauda e asa apresentam grande área branca. Ao levantar voo, tais áreas brancas podem confundi-la com a fogo-apagou. Íris arroxeada, com uma fina listra escura até o bico.



Alimentação

Semente e frutos.



Ambiente

Regiões semiabertas, capoeiras, beiras de matas mesófilas, matas secas, cerrados, plantações, campos e pastos sujos.



Tamanho

15-18cm

Foto: Valeria Vieira



POMBÃO OU ASA-BRANCA

Patagioenas picazuro



Características físicas:

Uma das maiores pombas brasileiras. Faixa em meia-lua branca no dorso das asas; cabeça e o peito marrom-vinho e as penas do pescoço apresentam um padrão escamoso. A vocalização é de fácil memorização, o que ajuda na sua identificação.



Alimentação

Sementes e frutos.



Ambiente

Campos com árvores, áreas urbanas, cerrados, caatingas e florestas de galeria. Frequentemente encontrada no solo.



Tamanho

35cm

Foto: Claudio Timm



POMBA-DE-BANDO OU AVOANTE

Zenaida auriculata



Características físicas:

Dorso pardo, cabeça com duas faixas negras laterais; asas com manchas negras. Um meio para diferenciá-la das demais é o tamanho de porte médio entre as pombas.



Alimentação

Frutos, sementes, brotos de plantações. Também consideradas pragas em plantações.



Ambiente

Ave campestre (caatinga, cerrado e campos). Espécie beneficiada pelo desmatamento; frequente em áreas urbanas e grandes metrópoles.



Tamanho

15-18cm

Foto: Claudio Timm



JURITI-GEMEIDEIRA

Leptotila rufaxilla



Características físicas:

Distingue-se da juriti-pupu (*L. verreauxi*) por ter a fronte esbranquiçada, também tendo nuca e peito levemente rosados. A ausência da coloração azulada nas regiões da nuca e costas é um dos principais fatores para distinguir esta espécie de *L. verreauxi*. Outra forma de identificação é pelo canto, tomando por base o fato de que os intervalos entre os cantos destas espécies são distintos, estando o intervalo de *L. verreauxi* em torno de 9 ou 10 (vocalizando "pu pu") e o de *L. rufaxilla* em torno de 5 segundos (vocalizando "pu").



Alimentação

Sementes e frutos.



Ambiente

Preferindo o sub-bosque fechado e denso de matas secundárias.



Tamanho

28cm

FAMÍLIA PSITTACIDAE

Foto: Saulo Gomes



PERIQUITÃO-MARACANÃ

Psittacara leucophthalmus



Características físicas:

Coloração geral verde; lados da cabeça e pescoço com algumas penas vermelhas; coberteiras inferiores pequenas da asa são vermelhas; as grandes inferiores são amarelas, chamando muito a atenção em vôo; região perioftálmica nua e branca, íris laranja, bico de cor clara, pés acinzentados. Jovens não possuem a cor vermelha. Voa em bandos.



Alimentação

Sementes e frutos.



Ambiente

Áreas abertas com formações florestais, florestas e inclusive em cidades com boa arborização.



Tamanho

30-32 cm

Foto: Fabio Andre F. Jacomassa



TUIM

Forpus xanthopterygius



Características físicas:

Menor ave da família dos papagaios e periquitos no Brasil; corpo todo verde; costas um pouco mais escuras; bico é pequeno e cinza-claro. Possui dimorfismo sexual: macho é verde-amarelado, com uma grande área azul na superfície inferior da asa e no baixo dorso; algumas penas na dobra da asa, ombros, parte inferior das costas, e coberteiras caudais são de uma cor azul-violeta; testa, coroa e lados da cabeça mais esverdeados; parte inferior da cauda verde. Fêmea totalmente verde; cabeça e flancos amarelado; cauda curta forma a silhueta característica e diferencia o tuim do periquito. Bandos de até mais de 20 indivíduos, agrupados em casais. Já foi observado nidificando em casas de joão-de-barro abandonadas.



Alimentação

Frutos, sementes e brotos.



Ambiente

Áreas semiabertas, necessitando de ambiente florestal para alimentação e reprodução.



Tamanho

11cm

Foto: Claudio Timm



PERIQUITO-RICO

Brotogeris tirica



Características físicas:

Coloração verde; partes inferiores e laterais da cabeça, peito e abdômen são de um verde com tons amarelados; nuca verde levemente azulada; base das asas marrom-oliváceo; cobertura de pluma da base das asas marrom-oliváceo e as penas exteriores azul-violeta; bico amarronzado, mais claro no topo; anel perioftálmico cinza pálido; iris marrom-escuro, com a pupila de cor negra; pés de cor semelhante à do bico, mais escura; cauda é longa, verde-azulada. Jovens semelhantes aos adultos, mas com quase toda plumagem primária esverdeada, cauda curta e bico mais escuro.



Alimentação

Frutos, sementes e inclusive de néctar.



Ambiente

Florestas, áreas abertas, parques urbanos.



Tamanho

25cm

Foto: Claudio Timm



MAITACA-VERDE

Pionus maximiliani



Características físicas:

Vive em casais ou em pequenos bandos. Em voo, pode ser identificada pelo jeito característico de voar, levantando as asas abaixo do nível do corpo; região perioftálmica branca, sem penas; cauda curta; peito violáceo opaco, com leve escamado. A característica principal é a região subcaudal vermelha. Bando de 6 a 8 indivíduos, por vezes até de 50 aves quando a comida é abundante.



Alimentação

Frutos, sementes e brotos.



Ambiente

Variedade de habitats que incluem florestas úmidas, de galeria, savanas e áreas cultivadas, até 2.000 metros.



Tamanho

27-30 cm

FAMÍLIA CUCULIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



ALMA-DE-GATO

Piaya cayana



Características físicas:

Plumagem ferrugineia nas partes superiores, peito acinzentado, ventre escuro, cauda longa, escura e com as pontas das retrizes claras, bico amarelo e íris vermelha. A cauda grande a torna inconfundível. Lembra um esquilo pelo modo de pular entre as ramagens das árvores. Anda sozinho ou aos pares. É uma ave que gosta de planar e, para isso, apresenta duas caudas, uma interna e outra externa. Para voar abre a interna (que é a listrada) e a cauda parece aumentar. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Invertebrados, principalmente lagartas, até as com espinhos aparentemente venenosos; frutinhas, ovos de outras aves, motivo pelo qual é muitas vezes afugentado; lagartixas e pererecas.



Ambiente

Matas ciliares, matas secundárias, capoeiras, parques e bairros arborizados até mesmo nas maiores cidades brasileiras. Habita os estratos médio e superior dessas matas.



Tamanho

50 cm



ANU-PRETO

Crotophaga ani



Características físicas:

Preto uniforme; bico alto, forte e curto com cúlmen na mesma cor. Cauda longa e graduada; bandos; cheiro do corpo é forte e característico, perceptível a vários metros; várias vocalizações. Sem dimorfismo sexual.



Ambiente

Paisagens abertas com moitas e capões entre pastos e jardins; prefere lugares úmidos.



Alimentação

Invertebrados, lagartixas e camundongos; pesca na água rasa; frutas, bagas, coquinhos e sementes.



Tamanho

35-36 cm



ANU-BRANCO

Guira guira



Características físicas:

Forma bandos familiares; coloração ocre-amarelada com uma crista desganhada, pele facial nua amarela, bico forte e curvo amarelo-alaranjado e iris variando entre o amarelo-alaranjado e branco-azulado; fino anel periocular amarelo pálido; dorso e coberteiras das asas finamente estriados, penas escuras apresentando as bordas claras; rêmiges marrom enegrecidas; uropígio branco; cauda graduada, longa, com as retrizes divididas em três partes com colorações distintas: camurça-pálido na porção basal, preto no centro e branca na distal; garganta, peito e ventre pálidos com finas estrias escuras na garganta e no peito. Jovens com as rêmiges com pequenas faixas brancas nas pontas, bico acinzentado, iris escuras e as retrizes acinzentadas. Cheiro forte, característico. Sem dimorfismo sexual.



Ambiente

Paisagens abertas com moitas e capões



Tamanho

36-42 cm

20 cm de cauda



Alimentação

Invertebrados, lagartixas e camundongos, até filhotes de outras aves; pesca na água rasa; frutas, bagas, coquinhos e sementes.

SACI

Tapera naevia

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



Características físicas:

Testa, coroa e crista que varia de canela ao castanho com listras pretas; sobrancelha esbranquiçada; faixa escura acima dos olhos; dorso e escapulários com listras enegrecidas; uropígio e supracaudais com as raia do eixo pretas estreitas; bochechas castanhas com listras escuras; faixa malar escura; garganta na cor areia e peito é tingido de cinza; ventre esbranquiçado e o criso é camurça; cauda longa, pouco graduada, marrom com as bordas acastanhadas. Bico curto e levemente curvado, os tarsos e pés são cinza azulados. Juvenil com a crista mais curta e cinza-escura, com as penas com grandes pontos pálidos na extremidade terminal. A garganta apresenta a coloração canela e o peito, leve barrado escuro. As penas das asas (coberteiras e rémiges) e as penas coberteiras da cauda com pintas claras de coloração camurça.



Alimentação

Invertebrados.



Ambiente

Áreas abertas próximas a capões de mata ou com árvores esparsas.



Tamanho

26-30 cm

● FAMÍLIA STRIGIDAE

Foto: Vagner Camilotti



CORUJINHA-DO-MATO

Megascops choliba



Características físicas:

Destacam-se em sua silhueta as duas "orelhas" nos lados da cabeça. Olhos amarelados destacados na face cinza clara, contornada por negro externamente. Peito cinza com rajados escuros e verticais sobre finas listras transversais. Dorso cinza amarronzado com bolas e rajas escuras. O juvenil sem as "orelhas" e os riscos escuros na plumagem. Como em outras corujas, aparece uma variação natural de exemplares adultos com plumagem marrom avermelhada no lugar do cinza. Muito frequentemente vista caçando insetos junto aos postes de iluminação.



Alimentação

Artrópodes e menos frequente caça pequenos vertebrados como camundongos e rãs.



Ambiente

Estritamente noturna, fica quase sempre empoleirada em árvores. Comum em cidades, parques urbanos e fazendas; capoeiras e beiras de matas secas ou úmidas, evitando o interior de florestas densas.



Tamanho

20-30 cm

● FAMÍLIA CAPRIMULGIDAE

BACURAU

Nyctidromus albigalis

Foto: Saulo Gomes



Características físicas:

Ave noturna, identificada principalmente pelo canto; apresenta dimorfismo sexual. O macho tem cores mais escuras (castanho-escuro) nas asas e cauda; na cauda, notam-se as penas brancas; nas asas, pontas enegrecidas e uma faixa branca, vistas principalmente quando alça voo; mancha branca na garganta. A fêmea, mais parda, tem na cauda apenas as pontas das penas brancas.



Alimentação

Insetívoro.



Ambiente

Bordas de mata, capoeiras abertas, campos com árvores isoladas.



Tamanho

22-28 cm

● FAMÍLIA APODIDAE

Foto: Claudio Timm



ANDORINHÃO-DO-TEMPORAL

Chaetura meridionalis



Características físicas:

Confundido com andorinhas. Possui uma coloração parda-escuro e cauda curta. As asas, em voo, formam uma meia-lua. Uropígio algo bege. Formam bandos e passam a maior parte do tempo em voo. Em cidades, podem se abrigar durante a noite e também nidificar em chaminés.



Alimentação

Insetos que capturam em voo.



Ambiente

Áreas abertas e urbanas.



Tamanho

14 cm

FAMÍLIA TROCHILIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



RABO-BRANCO-DE-GARGANTA-RAJADA

Phaetornis eurynome



Características físicas:

Cabeça preto-amarronzada-ferrugínea; faixa superciliar e infraocular ocráceas que delimitam uma faixa malar negra; bico preto, longo e curvilinear, com a mandíbula amarela; dorso verde-amarronzado-ferrugíneo; asas pretas; cauda com retrizes centrais longas e brancas; retrizes laterais pretas orladas de branco nas extremidades; ventre cinza-ferrugíneo-claro com peito mais claro; garganta estriada de preto.



Alimentação

Artrópodes e néctar.



Ambiente

Florestas úmidas do Brasil oriental, em particular nos estratos inferiores da Mata Atlântica e capoeiras ao redor.



Tamanho

15,5-16 cm

BEIJA-FLOR-TESOURA

Eupetomena macroura

Foto: Glaico Costa



Características físicas:

Cabeça, pescoço e parte superior do tórax azul violeta; restante da plumagem verde-escuro iridescente; pequena mancha branca atrás dos olhos; rêmiges castanho-escuro; cauda azul-escuro; calções brancos; bico ligeiramente curvado para baixo e preto. Tem como característica principal a cauda longa e profundamente furcada que toma quase 2/3 do seu tamanho total. A fêmea é quase igual ao macho, sendo um pouco menor e mais pálida. Juvenil semelhante à fêmea, mas a cabeça é particularmente mais pálida e tingida de marrom. Territorialista.



Alimentação

Artrópodes e néctar.



Ambiente

Áreas semiabertas, bordas de florestas, capoeiras, parques e jardins, sendo comum até em grandes metrópoles.



Tamanho

15-19 cm

Foto: Glaico Costa



BEIJA-FLOR-PRETO

Florisuga fusca



Características físicas:

De cor negra, contrasta o branco da cauda, principalmente quando expande em leque a cauda, onde se verifica o branco dividido por uma faixa preta central. O branco da cauda continua até os flancos e forma uma faixa sobre o cristo. Jovens negros e quase que totalmente manchados de pardo; faixa maxilar castanha, cauda canela ou negra, com o branco apenas nas retrizes laterais. Parece se manter mais parado no ar do que os outros beija-flores. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Invertebrados e néctar.



Ambiente

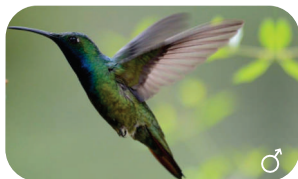
Beira da mata, capoeira, jardins, bananais, frequentemente em copas de árvores altas.



Tamanho

12,6 cm

Foto: Glaico Costa



BEIJA-FLOR-DE-VESTE-PRETA

Anthracothorax nigricollis



Características físicas:

Fêmea e macho diferem na plumagem. Visto contra a luz, o macho parece todo negro, mas apenas o peito, a barriga e a garganta são negro-azulados; resto da plumagem verde-garrafa forte; cauda vinho-escuro, finamente bordejada de negro, com tom avermelhado quando aberta contra a luz. Bico longo e fino, com a ponta levemente curva para baixo. Fêmea: forma do bico e cor da cauda iguais ao macho; longa listra negra, começando na base do bico e terminando na barriga, ladeada por faixas brancas largas. O resto da plumagem é verde claro.

Foto: Fabio André F. Jacomassa



Alimentação

Néctar e invertebrados.



Ambiente

Áreas abertas com arbustos, bordas da mata e cerradão, ocupando a parte alta das copas.



Tamanho

9-11,5 cm

Foto: Valeria Vieira



BESOURINHO-DE-BICO-VERMELHO

Chlorostilbon lucidus



Características físicas:

Uma das espécies mais comuns de beija-flores. A característica típica dessa espécie é o bico vermelho com a ponta preta. O verde brilhante do dorso contrasta com o azul-escuro da cauda. A fêmea apresenta uma linha curva branca atrás dos olhos e a garganta, peito e ponta da cauda esbranquiçadas.



Alimentação

invertebrados e néctar.



Ambiente

Jardins e quintais floridos, capoeiras, áreas abertas e bordas de mata.



Tamanho

8 cm

Foto: Valeria Vieira



BEIJA-FLO-DE-BANDA-BRANCA

Amazilia versicolor



Características físicas:

Cauda cinza com faixa subterminal escura e ponta clara; plumagem esverdeada, garganta verde brilhante com tons iridescentes azulados; ventre e peito esbranquiçado sem estreitamento como no beija-flor-de-garganta-verde; cristo branco manchado de verde; bico escuro. As diferentes subespécies variam na extensão do verde brilhante da fronte ou pela presença ou ausência de branco na garganta e no centro da barriga.



Alimentação

Néctar e invertebrados.



Ambiente

Bordas de florestas úmidas, matas secas, matas de galeria, capoeiras, manguezais, bordas de matas de várzea, ambiente urbano.



Tamanho

8,5 cm

Foto: Valéria Vieira



BEIJA-FLOR-DE-PEITO-AZUL

Amazilia lactea



Características físicas:

Garganta violeta e faixa branca que desce pelo peito até o abdômen; dorso e nuca verde brilhante; cauda e parte das asas azul-escuro; abdômen verde-azulado com a faixa branca mediana bem delimitada; base da mandíbula alaranjada. Não há dimorfismo sexual.



Alimentação

invertebrados e néctar.



Ambiente

Comum em ambientes urbanos, abertos com arbustos floridos, capoeiras



Tamanho

8-11 cm

● FAMÍLIA RAMPHASTIDAE

Foto: Glaico Costa



TUCANO-TOCO OU TUCANUÇU

Ramphastos toco



Características físicas:

O maior dos tucanos. A característica marcante é o bico alaranjado com uma mancha negra na ponta, que mede cerca de 20 cm; plumagem negra, com o papo e o uropígio brancos; crissó manchado de vermelho; área de pele nua alaranjada ao redor dos olhos; pálpebras azuis. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Frutas, insetos e artrópodes; ovos e filhotes de outras espécies de aves.



Ambiente

Matas de galeria, cerrado, capões; única espécie da família Ramphastidae que não vive exclusivamente na floresta, sendo avistado em áreas abertas e pousado em árvores altas. Também frequente em áreas urbanas florestadas.



Tamanho

56 cm

Foto: Marília Vaz



TUCANO-DE-BICO-VERDE

Ramphastos dicolorus

Características físicas:

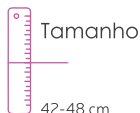
Papo amarelo e bico verde; o serrilhado do bico, bem desenvolvido, fica realçado pela cor vermelha. Sem dimorfismo sexual.

Alimentação

Frutos, artrópodes, pequenos vertebrados; ovos e filhotes de outras aves.

Ambiente

Copa de árvores altas em áreas florestadas desde o litoral até as zonas montanhosas, incluindo as florestas de planalto.



● FAMÍLIA PICIDAE

Foto: Fabio André F. Jacomassa



Foto: Glaico Costa



PICA-PAU-ANÃO-BARRADO

Picumnus cirratus

Características físicas:

Pequena crista formada pelas penas da nuca; dorso pardo e ventre barrado. Macho com o vértice e a testa avermelhados. Imaturos possuem cabeça parda uniforme.

Alimentação

Larvas e adultos de artrópodes.

Ambiente

Interior e bordas de florestas altas e capoeiras, à altura do sub-bosque; áreas urbanas arborizadas.

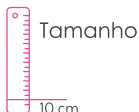
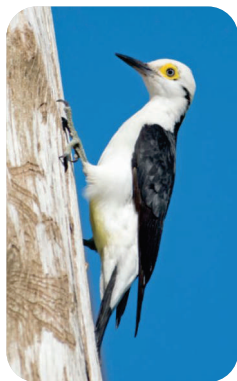


Foto: Claudio Timm



PICA-PAU-BRANDO

Melanerpes candidus



Características físicas:

Macho adulto com manto preto; marrom-escuro nas penas de voo das asas; coberteiras pretas com um tom azulado encoberto; branco nas partes inferiores, garganta, peito, ventre e cristo, podendo apresentar uma coloração branco-creme pálida; mancha amarela na parte inferior do abdômen. Cabeça branca com faixa loreal escura e uma listra preta estreita na parte traseira inferior do olho que se curva para baixo atingindo até a parte superior do manto; nuca com penas amarelas; olhos rodeados por um amplo anel periocular de coloração amarelo-dourado. Pernas e pés acinzentados. Fêmea sem as penas amarelas na nuca e faixa preta na cabeça menos nítida. Jovem mais amarronzado do que preto; bege nas áreas brancas e o amarelo no abdômen diluído.



Alimentação

Invertebrados e suas larvas, sementes, frutos e mel.



Ambiente

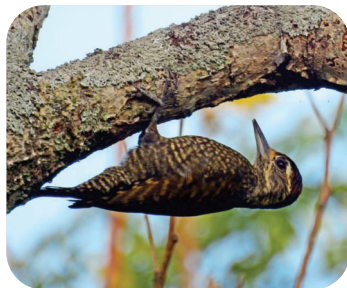
Áreas campestres, pastos, eucaliptais, capoeiras ralas, buritizais, plantações e áreas rurais; ambientes urbanos arborizados.



Tamanho

24-29 cm

Foto: Valeria Vieira



PICAPAUZINHO-VERDE-CARIJÓ

Veniliornis spilogaster



Características físicas:

No geral, verde oliva pardo barrado numa cor amarelo-esverdeado (creme); notam-se duas linhas brancas no lado da cabeça; o macho possui vértice e nuca avermelhados.



Alimentação

Frutas (caqui, abacate e outros); invertebrados e suas larvas.



Ambiente

Cidades, zonas rurais, pastos sujos, capoeiras, matas secas, bordas de Mata Atlântica e matas mesófilas.



Tamanho

16-19,5 cm

Foto: Glaico Costa



PICA-PAU-VERDE-BARRADO

Colaptes melanochloros



Características físicas:

Plumagem esverdeada barrada de preto no dorso e pontos (bolinhas) pretas no ventre; a divisão entre vermelho e preto na cabeça (característica marcante da espécie) destaca a área branca na região dos olhos. Machos possuem pequeno bigode vermelho na base do bico.



Alimentação

Frutos carnosos e invertebrados.



Ambiente

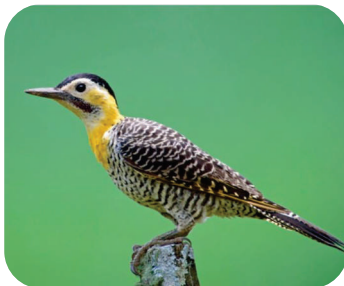
Matas de galeria, cerrados, cerradões, caatingas, campos com árvores e na borda de florestas; também comum em áreas urbanas.



Tamanho

28 cm

Foto: Claudio Timm



PICA-PAU-DO-CAMPO

Colaptes campestris



Características físicas:

Facilmente identificável pela coloração amarela nos lados da cabeça, pescoço e peito; negro no alto da cabeça e nuca; dorso, mento e ventre barrado de negro (carijó). Macho com duas faixas vermelhas em ambos os lados cabeça.



Alimentação

Invertebrados, principalmente cupins e formigas.



Ambiente

Áreas abertas (campos e cerrados).



Tamanho

32 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



PICA-PAU-DE-CABEÇA-AMARELA

Celeus flavescens



Características físicas:

Fácil de ser identificado pela sua cabeça amarela, bem como o proeminente topete. O dorso é preto barrado de branco, enquanto que o ventre é totalmente preto. O macho diferencia-se da fêmea por apresentar uma faixa malar avermelhada.



Alimentação

Artrópodes e frutos.



Ambiente

Matas em geral, até eucaliptais; áreas urbanas bem arborizadas.



Tamanho

25-27 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



PICA-PAU-DE-BANDA-BRANCA

Dryocopus lineatus



Características físicas:

Observado geralmente solitário, podendo ser encontrado em casais. Possui uma faixa branca que se estende desde do bico às laterais do peito. Topete grande e vermelho. O dorso, asas e a parte superior do peito são pretos, enquanto que a região do abdômen é barrada de preto. Apresenta uma mácula escapular branca. O macho apresenta a testa e a faixa malar vermelha e a fêmea preta. A garganta branca em ambos é manchada com estrias pretas.



Alimentação

Frutos e artrópodes.



Ambiente

Matas e cerrados altos; áreas urbanas arborizadas.



Tamanho

33-35 cm

FAMÍLIA THAMNOPHILIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



CHOCA-DE-CHAPÉU-VERMELHO

Thamnophilus ruficapullus



Características físicas:

Macho tem o pileo acastanhado e o peito barrado de negro. A fêmea é parda sem a coloração do pileo e o barrado no peito, aparecendo levemente nos flancos.



Alimentação

Frutos e insetos.



Ambiente

Matas secundárias ralas, capoeiras em regeneração.



Tamanho

15-17 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



CHOCA-DA-MATA

Thamnophilus caerulescens



Características físicas:

Macho cinza com a cabeça mais escura e o pileo negro; ventre mais claro. A fêmea é parda e ambos possuem pintas brancas nas asas. Possuem variação regional na coloração devido às subespécies.



Alimentação

Pequenos frutos e invertebrados.



Ambiente

Geralmente aos casais nos estratos médios e inferiores de florestas secundárias, nas matas de galeria e bordas de matas densas.



Tamanho

14-16 cm

● FAMÍLIA DENDROCOLAPTIDAE

Foto: Saulo Gomes



ARAPAÇU-VERDE

Sittasomus griseicapillus



Características físicas:

Observado escalando os troncos das árvores. Bico curto; no geral, um verde-oliva no ventre e um marrom-avermelhado nas costas.



Alimentação

Invertebrados.



Ambiente

Interior de matas.



Tamanho

15-19 cm

Foto: Joao Bispo



ARAPAÇU-DE-CERRADO

Lepidocolaptes angustirostris



Características físicas:

Nota-se um branco nitido na faixa superciliar e no ventre.



Alimentação

Invertebrados.



Ambiente

Cerrado e áreas abertas.
Observado em áreas urbanas arborizadas.



Tamanho

20 cm

● FAMÍLIA FURNARIIDAE

Foto: Claudio Timm



JOÃO-DE-BARRO

Furnarius rufus



Características físicas:

Facilmente reconhecido pela coloração e hábito de caminhar pelo chão ao forragear e coletar barro. Marrom-creme no ventre e o dorso marrom mais escuro.



Alimentação

Artrópodes, pequenos frutos e restos de comida humana.



Ambiente

Áreas abertas e cerrados.



Tamanho

18-20 cm

Foto: Claudio Timm



LIMPA-FOLHA-DE-TESTA-BAIA

Philydor rufum



Características físicas:

Pileo e faixa transocular negra que segue até a nuca; a testa é baia (amarelo-ocre); manto marrom esverdeado que contrasta com o marrom avermelhado das asas e cauda. Ventre castanho-claro com um tom esverdeado.



Alimentação

Artrópodes.



Ambiente

Estrado médio e dossel de florestas.



Tamanho

18-19 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



JOÃO-TENENÉM

Synallaxis spixi



Características físicas:

Boné cor ferrugem e a mesma nas asas; garganta com penas negras; cauda longa. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Artrópodes.



Ambiente

Campos e áreas arbustivas, bordas de florestas.



Tamanho

16 cm

Foto: Leonardo Casadei



ARREDIO-PÁLIDO

Cranioleuca pallida



Características físicas:

Vive no alto das árvores aos casais; de coloração marrom com um vermelho-ferrugineo na região do encontro e no vértice (topo da cabeça). Realiza manobras acrobáticas para forragear. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Pequenos artrópodes.



Ambiente

Copas na borda de matas.



Tamanho

13-15 cm

● FAMÍLIA TITYRIDAE

Foto: Leonardo Casadei



CANELEIRO-PRETO

Pachyramphus polychopterus



Características físicas:

Nota-se a cabeça mais escura, principalmente o boné; faixas brancas nas asas de fundo negro; o ventre é mais acinzentado. A fêmea é verde-olivácea com bordas ferrugíneas nas asas; ventre amarelado.



Alimentação

Principalmente invertebrados, podendo se alimentar de pequenos frutos nas épocas de escassez do primeiro.



Ambiente

Orlas de matas.



Tamanho

14-15,5 cm

● FAMÍLIA RHYNCHOCYCLIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



BICO-CHATO-DE-ORELHA-PRETA

Tolmomyias sulphurescens



Características físicas:

Canto muito fácil de memorizar. De cor verde-amarelado, nota-se na cabeça a cor acinzentada na cabeça que forma como que uma orelha mais escura; faixa branca pré-ocular do olho ao bico; duas faixas brancas sobre as asas com as bordas das penas de voo brancas.



Alimentação

Invertebrados.



Ambiente

Parte média do estrato da mata.



Tamanho

13-14 cm

Foto: Claudio Timm



TEQUE-TEQUE

Todirostrum poliocephalum



Características físicas:

Menor espécie do gênero *Todirostrum*. Facilmente reconhecido pela mancha amarela no lado. Notável contraste entre o cinza-azulado-escuro na cabeça com a parte ventral amarela. Destacam-se os olhos amarelos no escuro da cabeça.



Alimentação

Artrópodes.



Ambiente

Observado em casais no alto das árvores, sendo mais ouvido do que visto.



Tamanho

8-9 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



TORORÓ

Poecilotriccus plumbeiceps



Características físicas:

Espécie de difícil visualização, mas facilmente reconhecida pela sua vocalização onomatopéica. Vive no meio de ramagens e vegetação de capoeira baixa. Possui um capuz e uma mancha auricular ambos com uma cor acanelada. O dorso é oliva e o ventre esbranquiçado.



Alimentação

Artrópodes.



Ambiente

Estrato inferior de bordas de matas, cipoais e soqueiras de samambaias.



Tamanho

9-10 cm

FAMÍLIA TYRANNIDAE

Foto: Valeria Vieira



GIBÃO-DE-COURO OU BIRRO

Hirundinea ferruginea



Características físicas:

De cor ferrugínea, apresenta as asas num cinza-escuro com as penas delineadas na cor ferrugínea. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Invertebrados que caça em voo.



Ambiente

Áreas abertas com árvores que servem de poleiros; áreas urbanas.



Tamanho

17,5 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



RISADINHA

Camptostoma obsoletum



Características físicas:

Seu nome popular advém do seu canto, uma sequência descendente de assobios curtos, os quais lembram uma risada. A cabeça é mais acinzentada que o dorso, o qual varia de um tom esverdeado (penas novas logo após a troca entre janeiro e março) a um mais acinzentado (penas mais velhas). Possui uma faixa branca superciliar. O ventre tende a ser esbranquiçado com um leve amarelo no peito. O bico é alaranjado com a ponta preta. Eriça as penas do alto da cabeça formando um semitopete. Destacam-se as duas faixas amarronzadas em ambas as asas, as quais podem ficar amareladas a cinzas com o desgaste das penas.



Alimentação

Artrópodes.



Ambiente

Encontrado em casais no alto de árvores em cidades nos parques e bairros mais arborizados.



Tamanho

9,5 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



GUARACAVA-DE-BARRIGA-AMARELA

Elaenia flavogaster



Características físicas:

O gênero *Elaenia* é um desafio aos observadores iniciantes pela extrema semelhança entre as espécies. A forma mais confiável de diferenciá-las é através da vocalização. Essa espécie em particular possui um topete que eriça em determinadas situações, sem o aspecto “despentead” de *E. cristata* (não observada ainda nesse local). Em suas asas podem ser visualizadas duas faixas brancas. Possui anel periocular branco com uma pequena área branca entre o olho e o bico.



Alimentação

Frutos e
artrópodes.



Ambiente

Áreas abertas com árvores altas,
bordas de mata. Ficam no alto.



Tamanho

15 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



ALEGRINHO

Serpophaga subcristata



Características físicas:

Espécie de hábito solitário. Possui o peito cinza contrastando com o ventre amarelo. Apresenta um topete dividido ao meio, mantido ereto praticamente o tempo todo. Nas asas apresenta duas faixas brancas bem nítidas. Nota-se um supercílio branco na cabeça acinzentada. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Artrópodes.



Ambiente

Estrato médio a alto de
árvores em parques, dossel
e bordas de mata.



Tamanho

11 cm

Foto: Reginaldo Costa



IRRÉ

Myiarchus swainsoni



Características físicas:

Cabeça relativamente grande; cinza na garganta e peito, passando a um amarelo esmaecido no abdômen; dorso amarronzado, sendo menos escuro na região do pescoço e cabeça; faixas e listras numa cor creme nas asas. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Pequenos frutos e artrópodes.



Ambiente

Bordas de mata, áreas abertas com árvores.



Tamanho

18-19 cm

Foto: João Bispo



MARIA-CAVALEIRA

Myiarchus ferox



Características físicas:

Muito similar ao irré, sendo mais fácil diferenciar pelo canto. Garganta e cabeça cinza; dorso cinza mais escuro, com ventre amarelado; duas faixas claras nas asas. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Pequenos frutos e artrópodes.



Ambiente

Matas e bordas de mata, áreas abertas com árvores.



Tamanho

18-19 cm

Foto: Claudio Timm



BEM-TE-VI

Pitangus sulphuratus



Características físicas:

Canto onomatopéico com as sílabas “bem-te-vi” que dá o nome popular à espécie. Muito parecido com o bem-te-vi-de-bico-chato ou nei-nei (*Megarynchus pitangua*), o qual possui um bico mais comprido, grosso e chato. Em determinadas situações erija um topete amarelo.



Alimentação

Artrópodes, frutos, pequenos vertebrados e ovos de outros pássaros.



Ambiente

Áreas abertas, bordas de mata, jardins e áreas urbanas e na vegetação ao redor de corpos d'água.



Tamanho

20,5-25 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



SUIRIRI-CAVALEIRO OU BEM-TE-VI-DO-GADO

Machetornis rixosa



Características físicas:

Anda pelo solo e pode ser encontrado sobre animais de grande porte (gado, cavalo) onde busca por suas presas, geralmente pequenos artrópodes que são espantados pelos animais. Possui uma coloração parda, cabeça cinza e ventre amarelado.



Alimentação

Artrópodes.



Ambiente

Áreas abertas e pastagens.



Tamanho

20 cm

Foto: Valéria Vieira



BEM-TE-VI-RAJADO

Myiodynastes maculatus



Características físicas:

Espécie migratória, chegando na região entre a primavera e o verão. Vive em casais no alto das árvores, tendo o hábito de vocalizar frequentemente ao longo do dia, o que ajuda na sua observação. De coloração escura, tamanho similar ao bem-te-vi, possui o ventre rajado, faixa superciliar branca e outra que se prolonga ao bico.



Alimentação

Frutos e artrópodes.



Ambiente

Parte interna de matas, cerradões e outras formações arbóreas mais densas; fica em poleiros escondidos na ramagem da árvore, camuflado nas sombras.



Tamanho

20 cm

Foto: Fabio André F. Jacomassa



NEINEI OU

BEM-TE-VI-DE-BICO-CHATO

Megarynchus pitangua



Características físicas:

Diferencia-se do bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) pelo bico mais grosso e achatado lateralmente. Possui um canto onomatopeico, “nei-nei”, que lhe dá um dos seus nomes populares. Espécie migratória, geralmente é encontrada em casais no alto das árvores, aparecendo no estado de São Paulo durante a primavera e o verão.



Alimentação

Preferencialmente de artrópodes, pequenos frutos. Observado pescando pequenos peixes, lagartos menores e filhotes de outras aves.



Ambiente

Florestas, áreas abertas e em áreas urbanas, principalmente em parques bem arborizados.



Tamanho

23 cm

Foto: Christian Camargo



BENTEVINHO-DE-PENACHO-VERMELHO

Myiozetetes similis



Características físicas:

Lembra um bem-te-vi pequeno pelas cores, com o bico bem curto. Tem um penacho vermelho que aparece quando a ave está excitada. Geralmente em pares ou grupos familiares.



Alimentação

Pequenos frutos e invertebrados.



Ambiente

Prefere matas e capoeiras mais conservadas; cidades bem arborizadas.



Tamanho

16 - 18,5 cm

Foto: Reginaldo Costa



SUIRIRI

Tyrannus melancholicus



Características físicas:

Espécie migratória que aparece por aqui entre a primavera e o verão. Cabeça cinza com um topete (pileo) avermelhado que só aparece quando o eriça em suas disputas territoriais; garganta cinza claro que pode se estender ao peito; dorso cinza com as bordas das rêmiges acastanhadas, contrastando com o ventre de amarelo vivo.



Alimentação

Principalmente invertebrados; frutos pequenos.



Ambiente

Topo de árvores em matas, áreas abertas e urbanas, mesmo em fios e antenas.



Tamanho

18-23 cm



TESOURINHA

Tyrannus savana



Características físicas:

Espécie migratória, encontrada na região nos meses de primavera e verão. Uma das espécies mais chamativas em função de sua cauda bifurcada que lhe dá o nome popular. A cauda é maior no macho. Possui penas amarelas no pileo, escondidas na maior parte do tempo.



Alimentação

Principalmente invertebrados, mas de frutos também, principalmente na migração.



Ambiente

Áreas abertas, pastagens, onde pousam em arbustos, árvores, cercas. Podem procurar matas também. Em cidades, nos fios, postes, árvores.



Tamanho

16 - 18,5 cm



PEITICA

Empidonomus varius



Características físicas:

Espécie migratória, sendo mais observada na primavera-verão-outono. Muito parecida com o bem-te-vi-pirata e bem-te-vi-rajado, diferenciando-se do último pelo bico menor, mais proporcional à cabeça. No primeiro, ajuda na diferenciação o marrom avermelhado na base superior da cauda e laterais das penas caudais. Possui o pileo amarelo, difícil de ser notado.



Alimentação

Insetos alados que captura em voo; pequenos frutos.



Ambiente

Bordas de matas, cerrados, cidades arborizadas. Geralmente observada no alto das árvores e encontrada principalmente pelo canto.



Tamanho

18 cm



FILIFE

Myiophobus fasciatus



Características físicas:

O nome científico significa “o terror alado das moscas”. Dorso castanho acanelado, com topete oculto amarelado; asas negras com filetes acanelados nas coberteiras; ventral esbranquiçado com um notável estriado, que vai diferenciá-lo do enferrujado; tem uma leve listra superciliar que pode passar despercebida. É uma espécie difícil de ser observada por se esconder na parte densa das ramagens baixas da borda ou das capoeiras. Será mais ouvido do que visto. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Insetos, principalmente caçados em voo.



Ambiente

Borda de matas e capoeiras; não é observado no interior da floresta.



Tamanho

12,5 cm



ENFERRUJADO

Lathrotriccus euleri



Características físicas:

Dorso amarronzado, chegando a um castanho na coroa; peito e ventre bege pálido (quase cinza), com estriados leves, menos nítidos do que no filife; penas das asas escuras, margeadas de bege, com duas faixas branco-amareladas; no bico, maxila escura e mandíbula clara. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Insetos capturados no ar, como o filife.



Ambiente

Interior de mata, com possível migração no inverno.



Tamanho

12-13 cm

● FAMÍLIA VIREONIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



PITIGUARI

Cyclarhis gujanensis



Características físicas:

Tem a cabeça e o bico um tanto desproporcional ao corpo; sobrancelha castanha que contrasta com o pardo da coroa e o cinza da face; notável a iris alaranjada; dorso oliva e o peito amarelado. Muito mais ouvido do que visto, com um canto fácil de memorizar, embora tenha vários. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Principalmente artrópodes, podendo também pequenos frutos.



Ambiente

Bordas de matas, parques urbanos bem arborizados.



Tamanho

15-16,5 cm

Foto: Christian Camargo



JURUVIARA

Vireo chivi



Características físicas:

Espécie migratória, chega à região SE nos meses da primavera e verão. Vive no estrato médio e alto das árvores, vocalizando praticamente todo o dia, sendo mais ouvido do que visto. O topo da cabeça é cinza contrastando com a ampla sobrancelha branca e a linha ocular negra. O tamanho do bico é grande. O dorso é oliva e o ventre esbranquiçado. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Artrópodes e frutos.



Ambiente

Estrato médio em bordas florestais.



Tamanho

13 cm

Foto: Saulo Gomes



VERDINHO-CORADO

Hylophilus poicilotis



Características físicas:

Nota-se o bico curto e afilado e o boné ferrugineo; cauda relativamente longa; possui uma mancha auricular negra que vai diferenciá-lo do vite-vite-de-olho-cinza (*H. amaurocephalus*), esse não observado na área. Ambiente: florestas úmidas e bordas florestais, capoeiras.



Alimentação

Insetos e pequenos frutos.



Ambiente

Florestas úmidas e bordas florestais, capoeiras.



Tamanho

11 cm

FAMÍLIA CORVIDAE

Foto: Saulo Gomes



GRALHA-DO-CAMPO

Cyanocorax cristatellus



Características físicas:

Característico tope frontal alongado; dorso azul-escuro; preto no pescoço e na garganta; branco no ventre e ponta da cauda. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Onívora (frutos, insetos, sementes, bagas, pequenos répteis, ovos de outras espécies de pássaros e de aves domésticas como a galinha).



Ambiente

Áreas semiabertas com árvores altas.



Tamanho

35 cm

FAMÍLIA HIRUNDINIDAE

Foto: Reginaldo Costa



ANDORINHA-PEQUENA-DE-CASA

Pygochelidon cyanoleuca



Características físicas:

O nome popular já indica a presença freqüente dessa pequena andorinha no dia-a-dia das cidades. Durante suas acrobacias caçam pequenos insetos voadores. Seu dorso é azul-metálico que pode parecer preto dependendo da luz incidente. As partes superiores e inferiores das asas e da cauda são negras indo, nessa última, até a altura da cloaca, o que a distingue de outra andorinha de mesmo tamanho, a andorinha-de-sobre-branco (*Tachycineta leucorrhoa*) – não observada na área – na qual a face inferior da cauda é toda branca.



Alimentação

Insetos capturados em voo.



Ambiente

Diversos ambientes, desde florestal a ambientes urbanos.



Tamanho

10 cm

Foto: Saulo Gomes



ANDORINHA-DOMÉSTICA-GRANDE

Progne chalybea



Características físicas:

Vive em grandes bandos, deslocando-se para o norte do país na primavera. O dorso é negro-azulado, garganta e peito cinza, passando a uma coloração esbranquiçada no ventre. A fêmea apresenta um dorso mais pardo.



Alimentação

Insetos capturados em voo.



Ambiente

Áreas abertas (campos, fazendas) e urbanas.



Tamanho

18-20 cm

● FAMÍLIA TROGLODYTIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



CORRUÍRA

Troglodytes musculus



Características físicas:

Inconfundível pelo seu tamanho e coloração castanha, bico relativamente comprido e fino.



Alimentação

Pequenos artrópodes.



Ambiente

Frequenta mais a parte baixa de bordas de capoeiras, matas, quintais e parques urbanos.



Tamanho

10 cm

● FAMÍLIA TURDIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



SABIÁ-LARANJEIRA

Turdus rufiventris



Características físicas:

Facilmente identificável pelo seu ventre com coloração ferruginea-laranja; tem o comportamento de balançar a cauda quando parado ou logo após se locomover ou pousar. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Invertebrados, frutos.



Ambiente

Bordas de matas, quintais e em parques urbanos bem arborizados.



Tamanho

25 cm

Foto: Saulo Gomes



SABIÁ-BARRANCO OU SABIÁ-BRANCO

Turdus leucomelas



Características físicas:

Ave de aspecto amarronzado; bico negro, asas em um tom ferrugíneo que contrastam com a cabeça pardo-olivácea; garganta esbranquiçada com estrias pardacentas. Encontrado em casais ou solitário em áreas mais arborizadas e sombreadas. Frequentemente encontrado no solo procurando alimentos. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Invertebrados, frutos.



Ambiente

Matas em geral, áreas urbanas arborizadas.



Tamanho

25 cm

Foto: Saulo Gomes



SABIÁ-POCA

Turdus amaurochalinus



Características físicas:

Notável mácula escura entre o olho e o bico; bico amarelado; nota-se um contraste entre o dorso, mais escuro, com o ventre acinzentado; a garganta branca apresenta listas pretas que podem variar em intensidade entre indivíduos. Também tendem a balançar a cauda na vertical quando pousados no chão. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Frutos e invertebrados.



Ambiente

Semiflorestal, também adaptado ao ambiente urbano quando bem arborizado.



Tamanho

21 cm

Foto: Saulo Gomes



SABIÁ-FERREIRO

Turdus subalaris



Características físicas:

Macho e fêmea diferem; no macho, nota-se o loro escuro, anel periocular amarelo mais grosso, a garganta branca com fortes estrias negras, essas menos notáveis na fêmea. Dos sabiás na área, destaca-se pelo som metálico do canto.



Alimentação

Invertebrados e frutos.



Ambiente

Espécie bastante florestal, tímida, difícil de ser observada, ficando escondida no meio da folhagem.



Tamanho

19-21,5 cm

● FAMÍLIA MIMIDAE

SABIÁ-DO-CAMPO

Mimus saturninus

Foto: Reginaldo Costa



Características físicas:

Apesar do nome comum ser 'sabiá', não pertence à família desses. É encontrada em grupos familiares pousada em arbustos e no chão. Abre e fecha as asas frequentemente quando pousada ("lampejo das asas"). Conhecida com uma excelente imitadora da vocalização de outras espécies. Na cabeça é notável a ampla sobrancelha branca. O dorso cinzento apresenta um leve estriado e nas asas é possível se observar estreitas faixas brancas. O ventre é branco-amarelado, muitas vezes mais escuro devido o contato com a terra. A cauda é comprida com as pontas das penas branca. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Frutos, invertebrados, sementes.



Ambiente

Áreas abertas com vegetação esparsa.



Tamanho

25 cm

FAMÍLIA PARULIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



MARIQUITA

Setophaga pitiayumi



Características físicas:

Facilmente reconhecida pelo tamanho minúsculo e o amarelo vivo em seu ventre (muitas vezes confundida com a cambacica) e o dorso cinza-azulado; a área ao redor dos olhos é negra, como uma máscara; duas faixas brancas nas asas; triângulo verde-oliva nas costas; bico fino, pontiagudo.



Alimentação

Pequenos invertebrados (aranhas, lagartas) obtidos nas ramagens das árvores e flores, muitas vezes capturados em voo.



Ambiente

Copa das árvores, podendo descer até pequenos arbustos.



Tamanho

10 cm

Foto: Christian Camargo



PULA-PULA

Basileuterus culicivorus



Características físicas:

Lado inferior amarelo, superior verde-oliva; nota-se a sobranalha branca realçada pelas faixas negras acima e abaixo dela; pileo com uma faixa cinzento-avermelhada.



Alimentação

Invertebrados.



Ambiente

Média altura em florestas e capoeirões; bosques urbanos.



Tamanho

12 cm

FAMÍLIA PASSERELIDAE

Foto: Claudio Timm



TICO-TICO

Zonotrichia capensis



Características físicas:

Espécie de ampla distribuição; as características principais são o topete estriado e o colar ferrugineo; geralmente em casais; observado frequentemente alimentando filhotes de vira-bosta (*Molothrus bonariensis*), o qual parasita ninhos, principalmente de tico-tico, deixando que esse cuide de seus filhotes.



Alimentação

Sementes e invertebrados.



Ambiente

Capoeiras, áreas abertas com vegetação arbustiva; vai frequentemente ao solo em busca de alimentos.



Tamanho

15 cm

FAMÍLIA THRAUPIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



CAMBACICA

Coereba flaveola



Características físicas:

Bico curvo e pontiagudo; sobrancelha branca notável em sua cabeça negra; a garganta cinza contrasta com o ventre amarelado. Espécie bem conhecida, frequentemente é vista visitando bebedouros para beija-flores. Na procura por alimento é capaz de realizar manobras acrobáticas, pendurando-se de cabeça para baixo.



Alimentação

Artrópodes, frutos, néctar.



Ambiente

Diversidade de ambientes: florestas, jardins, bosques urbanos, desde que tenha a presença de flores.



Tamanho

10 cm

Foto: Saulo Gomes



TRINCA-FERRO-VERDADEIRO

Saltator similis



Características físicas:

Espécie admirada pelo seu canto. Vive em casais ou solitária no sub-bosque ou estrato médio das árvores. Notável sobrancelha e garganta branca, essa demarcada por duas linhas negras em cada lado; o bico é grosso e curto; dorso e as faixas nas asas são de cor oliva; ventre cinza com tons acanelados.



Alimentação

Invertebrados, sementes, frutos, folhas e flores.



Ambiente

Capoeiras, bordas de mata, clareiras; parques urbanos bem arborizados.



Tamanho

19 cm

Foto: Saulo Gomes



SAÍRA-DE-CHAPÉU-PRETO

Nemosia pileata



Características físicas:

Apresenta dimorfismo sexual; no macho, a cabeça negra destaca o amarelo da esclera e o negro da íris, e o loro branco; o bico do macho é cinza na base com a ponta escura; da nuca ao dorso a coloração é cinza-azulada; a garganta é branco-amarelada e o ventre é esbranquiçado. A fêmea não apresenta o negro na cabeça, o bico é amarelado, o dorso é mais claro e o ventre pode apresentar um tom amarronzado.



Alimentação

Frutos, folhas, flores, néctar, artrópodes



Ambiente

Ambientes com vegetação arbórea rala; parques urbanos. Observada praticamente sempre no alto das copas das árvores.



Tamanho

12-13 cm

Foto: Saulo Gomes



SAÍ-CANÁRIO

Thlypopsis sordida



Características físicas:

Apresenta dimorfismo sexual; o macho se destaca da fêmea pelo amarelo mais intenso (ferrugineo no topo da cabeça) na cabeça e o dorso cinza-oliváceo; o peito apresenta uma coloração amarela clara, ficando mais esbranquiçado em direção ao ventre.



Alimentação

frutos, sementes e artrópodes.



Ambiente

Formações florestais secundárias e parques urbanos bem arborizados.



Tamanho

13 cm

Foto: Leonardo Casadei



TIÊ-PRETO

Tachyphonus coronatus



Características físicas:

Apresenta dimorfismo sexual; o macho é preto com mancha branca debaixo das asas, vista quando em voo; a crista (pileo) vermelha raramente é vista. A fêmea é toda marrom.



Alimentação

Frutos, sementes, flores, insetos.



Ambiente

Hábito florestal, pode ser vista em capoeiras, bordas de matas e pomares.



Tamanho

18 cm

Foto: Saulo Gomes



TICO-TICO-REI-CINZA

Coryphospingus pileatus



Características físicas:

Apresenta dimorfismo sexual; o macho tem uma coroa preta com vermelho vibrante, visível apenas quando eriçado; coloração geral cinza, sendo mais escuro no dorso do que no ventre; anel periocular branco. A fêmea apenas não apresenta a coroa.



Alimentação

Predominantemente granívoro; frutos e invertebrados.



Ambiente

Bordas florestais, capoeiras.



Tamanho

13,5 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



TICO-TICO-REI

Coryphospingus cucullatus



Características físicas:

Apresentam dimorfismo sexual; o macho tem a região dorsal marrom-escuro e o resto do corpo avermelhado intenso, principalmente na cabeça, onde se observa um topete vermelho com uma faixa preta. A fêmea tende a ser pardacenta. Ambos apresentam um anel periocular branco.



Alimentação

Sementes, brotos, frutos e insetos.



Ambiente

Bordas de matas e capoeiras.



Tamanho

13,5 cm

Foto: Saulo Gomes



SAÍRA-DOURADINHA

Tangara cyanoventris



Características físicas:

Cabeça amarela, fronte e garganta preta, peito azul piscina, dorso amarelo estriado de preto; verde na borda das rémiges (penas das pontas das asas) e retrizes (penas da cauda).

Encontrada em pequenos grupos monoespecíficos (mesma espécie).

Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Frutos (ótima dispersora de sementes).



Ambiente

Regiões montanhosas, matas estacionais semidecíduais e cerradões.



Tamanho

13,5 cm

Foto: Marília Vaz



SANHAÇU-CINZENTO

Tangara sayaca



Características físicas:

Coloração em geral é cinza azulado com tons esverdeados e o ventre mais claro. Nas asas o azul é mais intenso. Espécie muito comum e uma das mais abundantes em cidades, vivendo geralmente em casais no alto das copas das árvores. Os imaturos diferenciam-se dos adultos por possuírem coloração esverdeada. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Frutos, flores, folhas e artrópodes.



Ambiente

Matas, bordas de matas, quintais e áreas urbanas arborizadas.



Tamanho

18 cm

Foto: Leonardo Casadei



SANHAÇU-DO-COQUEIRO

Tangara palmarum



Características físicas:

Coloração cinza-olivácea quase que uniforme em todo o corpo, sendo mais claro no ventre. Apresenta uma área mais escura na asa resultado das pontas mais escuras das penas. Quando em voo, é possível observar uma faixa amarelada no meio das penas longas das asas.



Alimentação

Frutos e artrópodes.



Ambiente

Ambientes florestais, áreas abertas com árvores frutíferas, quintais, parques.



Tamanho

17 cm

Foto: Saulo Gomes

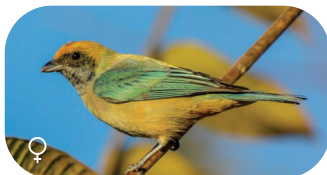
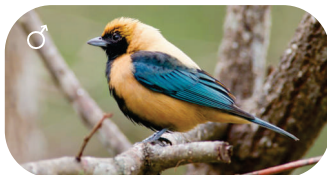


Foto: Danilo Schinke



SAÍRA-AMARELA

Tangara cayana



Características físicas:

Apresenta dimorfismo sexual; o macho tem uma máscara negra que se estende pelo ventre; cabeça e o restante do corpo amarelo-dourado, contrastando com as asas em verde brilhante com faixas negras. A fêmea não tem o preto, sendo mais pálida.



Alimentação

Frutos e artrópodes.



Ambiente

Diferentes estratos da vegetação, não sendo encontrada no interior de matas; parques e áreas urbanas arborizadas.



Tamanho

13-15 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



Foto: Claudio Timm



SANHAÇU-PAPA-LARANJA

Pipraeidea bonariensis



Características físicas:

Uma das espécies com a coloração mais chamativa. Apresenta dimorfismo sexual. No macho, a cabeça é violácea e contrasta com o loro negro em forma de máscara; o dorso é negro e as asas violáceas; o peito e a face ventral da cauda são alaranjados, coloração que fica mais amarelada no ventre. As fêmeas não apresentam as colorações do macho, sendo pardo-esverdeadas no dorso e o ventre amarelo-escuro.



Alimentação

Basicamente de frutos e algumas flores.



Ambiente

Matas, capões, áreas urbanas bem arborizadas e com frutíferas, quintais com frutas.



Tamanho

18 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



CANÁRIO-DA-TERRA-VERDADEIRO

Sicalis flaveola



Características físicas:

Apresenta dimorfismo sexual; macho de coloração amarela ouro até um tom esverdeado com estrias negras, especialmente no dorso e asas; no período reprodutivo, a fronte apresenta uma coloração alaranjada. A fêmea e o jovem são distintos do macho, apresentando o dorso pardo estriado de negro e o ventre esbranquiçado com o peito e os flancos estriados.



Alimentação

Sementes.



Ambiente

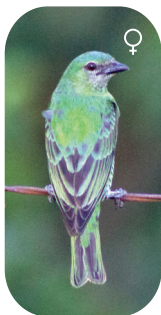
Áreas abertas, savanas, pastagens.



Tamanho

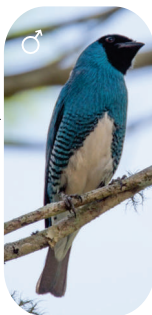
12-13,5 cm

Foto: Reginaldo Costa



♀

Foto: João Bispo



♂

SAÍ-ANDORINHA

Tersina viridis



Características físicas:

Na região sudeste é encontrada no primeiro semestre do ano. Vive em casais e pousa com frequência no alto das árvores preferindo galhos secos e bem expostos, onde fica pousada por um longo tempo. O macho é de cor azul-escuro no dorso, peito e flancos. A frente, loro, garganta, as penas primárias das asas e a cauda são negras. O ventre é branco. A fêmea, por outro lado, é verde com a frente, periocular e garganta brancas. O ventre é esbranquiçado ondeado de verde.



Alimentação

Frutos e artrópodes.



Ambiente

Áreas florestais e semiabertas.



Tamanho

14 cm

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



♀



♂

SAÍ-AZUL

Dacnis cayana



Características físicas:

Apresenta dimorfismo sexual; o macho é azul e negro, com as penas vermelho-claro; a fêmea é verde com a cabeça azulada e pernas alaranjadas.



Alimentação

néctar, frutos, artrópodes.



Ambiente

Bordas florestais, áreas semiabertas.



Tamanho

13 cm

Foto: Danilo Schinke



FIGUINHA-DE-RABO-CASTANHO

Conirostrum speciosum



Características físicas:

Apresenta dimorfismo sexual; o macho é cinza, sendo mais escuro no dorso no que no ventre; apresenta uma mancha marrom avermelhada embaixo da base da cauda; bico cônico; a fêmea tem o dorso e cauda esverdeada e a parte inferior do corpo cinza claro; nota-se nela uma fina faixa branca superciliar.



Alimentação

Invertebrados, que captura vasculhando ramos e folhas das árvores.



Ambiente

Florestas, parques, capoeiras.



Tamanho

11 cm

Foto: Björn-Einar Nilsen



COLEIRINHO

Sporophila caerulescens



Características físicas:

Possui dimorfismo sexual; o macho tem um colar preto e na face se observa um bigode branco nitido na cabeça preta; o dorso é escuro e o ventre apresenta uma coloração cinza-claro, podendo até ser amarelado. A fêmea é parda, cor também observada nos jovens ao recém saírem do ninho.



Alimentação

Grãos, sementes.



Ambiente

Áreas abertas com gramíneas e arbustos.



Tamanho

12 cm

● FAMÍLIA ICTERIDAE

Foto: Björn-Einar Nilsen



GRAÚNA OU PÁSSARO-PRETO

Gnorimopsar chopi



Características físicas:

Inteiramente negro; ave de canto melodioso; a fêmea também canta. Ajuda a diferenciar do chupim o bico mais fino e alongado, além de ser maior que esse. Sem dimorfismo sexual.



Alimentação

Onívoro (frutos, sementes, invertebrados).



Ambiente

Áreas semiabertas, áreas agrícolas, pantanosas, remanescentes de mata.



Tamanho

21,5 – 25,5 cm.

Foto: Claudio Timm



VIRA-BOSTA OU CHUPIM

Molothrus bonariensis



Características físicas:

Apresenta dimorfismo sexual; o macho é preto azulado, que pode passar por apenas preto dependendo da luz; a fêmea é marrom escura. Parasita o ninho de outras aves (58 espécies já relatadas).



Alimentação

Onívoro (frutos, sementes, invertebrados).



Ambiente

Paisagens abertas, jardins e parques urbanos.



Tamanho

17-21,5 cm.

FAMÍLIA FRINGILLIDAE

Foto: Saulo Gomes



PINTASSILGO

Spinus magellanicus



Características físicas:

Apresenta dimorfismo sexual; o macho é amarelado com a cabeça; asas pretas com manchas amarelas. A fêmea tem a cabeça e o lado inferior oliváceos, mantendo as asas nas mesmas cores que o macho.



Alimentação

Sementes, flores, frutos.



Ambiente

Mata secundária aberta, quintais, cerrados.



Tamanho

11 cm

Foto: Fabio A. F. Jacomassa



FIM-FIM OU VIVI

Euphonia chlorotica



Características físicas:

Facilmente identificada pelo canto, uma chamada forte dissilábica "vi-vi", "bi-bi" ou "fi-fi". O canto pode ser confundido com um dos chamados do risadinha (*C. obsoletum*), o qual também faz um "fi". Apresenta dimorfismo sexual. No macho, a fronte, peito e ventre em um amarelo-ouro; capuz, garganta e dorso em negro-violáceo; a cauda apresenta faixas brancas na face ventral. A fêmea é verde-olivácea, possui a fronte amarelada e o ventre esbranquiçado.



Alimentação

Frutos.



Ambiente

Matas, áreas urbanas arborizadas.



Tamanho

9-10 cm

● FAMÍLIA PASSERIDAE

PARDAL

Passer domesticus

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



Características físicas:

Espécie exótica oriunda do Oriente Médio. Foi introduzida intencionalmente no Brasil por volta de 1903 com autorização do então prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, tendo então se disseminado pelo país. Apresenta dimorfismo sexual. O pileo e o uropígio são cinza, possui um colar castanho na nuca e o dorso é estriado de castanho e preto; o macho possui a garganta e o peito (como um babador) negros; apresenta uma faixa alar e o ventre esbranquiçado. A fêmea não apresenta o negro na garganta e peito e as cores castanhas.



Alimentação

Sementes, flores, brotos de árvores e artrópodes, aproveitando também migalhas de alimentos humanos.



Ambiente

Associado às zonas de ocupação humana (cidades, vilarejos).



Tamanho

13-15 cm

● FAMÍLIA ESTRILDIDAE

Foto: Bjørn-Einar Nilsen



BICO-DE-LACRE

Estrilda astrild



Características físicas:

Espécie exótica, oriunda do sul da África, que vive em pequenos bandos (em média de seis indivíduos). Chegou ao Brasil através de navios negreiros durante o reinado de D. Pedro I como espécie de estimação. Foi reintroduzida no país durante a segunda metade do século XIX e, devido à sua reduzida capacidade de voo, é possível que sua ocorrência hoje em todo o país se deva ao transporte intencional pelas pessoas. Macho e fêmea são parecidos, com leves diferenças no criso e coberteiras inferiores da cauda, negras no macho e pardo-escuro na fêmea. Nos jovens imaturos é notado o bico negro e uma comissura labial branca reluzente, não possuindo a ondulação e o vermelho intenso da plumagem adulta.



Alimentação

Sementes de gramíneas, curiosamente mantendo a preferência para as gramíneas africanas cultivadas no país para alimentação do gado.



Ambiente

Áreas abertas com gramíneas altas.



Tamanho

10 cm

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Athiê, S. 2007. A observação de aves e o turismo ecológico. *Biotemas*, 20(4): 127-129.
- Argel-de-Oliveira, M. M. 1996. Subsídios para a atuação de biólogos em Educação Ambiental. O uso de aves urbanas em educação ambiental. *Mundo da Saúde*, 20(8): 263-270.
- Andrade, M. A. 1997. Aves silvestres: Minas Gerais. Littera Maciel, Belo Horizonte, Brasil, 176pp.
- BirdLife International 2014. Spotlight on threatened birds.
<http://www.birdlife.org/datazone/sowb/spotthreatbirds>. Acesso em: 25/02/2014.
- Centro de Estudos Ornitológicos 2014. A observação de aves: esporte, lazer, ciência e arte. Disponível em <http://www.ceo.org.br/>. Acesso em: 25/02/2014.
- Develey, P.F., Endrigo, E. 2004. Guia de campo: aves da Grande São Paulo. Aves e Fotos Editora, 298p.
- Favreto, M.A. 2009. Sobre a origem das aves (Theropoda: Aves). *Atualidades Ornitológicas On-line*, n.150 – Julho/Agosto.
- Figueiredo, L.F.A. (org.) (2017) Lista de aves do estado de São Paulo. Versão: 24/06/2017. Disponível em: <www.ceo.org.br>. Acesso em: [09 julho 2018].
- Gavareski, C.A., 1976. Relation of park size and vegetation to urban bird population in Seattle, Washington. *Condor*, 78: 375-382.
- Goerck, J.M. 1997. Patterns of rarity in the birds of the Atlantic Forest of Brazil. *Conservation Biology* 11(1): 112-118.
- ICMBio [Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade] 2016. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Sumário Executivo. 74pp.
- Kaufman, K., Kaufman, K. 2014. Birding For Your Health: Discover how birdwatching can do wonders for your physical and mental well-being. Disponível em: <http://www.birdsandblooms.com/birding/birding-basics/birding-health/>. Acesso em 26/02/2014.
- Marini, M.A., Garcia, F.I., 2005. Conservação de aves no Brasil. *Megadiversidade*, 1(1): 95-102.
- Matarazzo-Neuberger, W.M., 1995. Comunidade de aves de cinco parques e praças da Grande São Paulo. *Ararajuba*, 3: 13-19.
- Piacentini, V.Q. et al. (+24 autores), 2015. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 23(2): 91-298.
- Sick, H., 1997. Ornitologia brasileira: uma introdução. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Wikiaves - <http://www.wikiaves.com.br/>

CONSIDERAÇÕES TÉCNICAS NA ELABORAÇÃO DO GUIA

As espécies apresentadas nesse guia foram observadas durante o ano de 2017 em quatro campanhas de cinco dias cada (uma em cada estação do ano), realizadas na propriedade do CAEB. As espécies foram identificadas através de visualizações diretas dos indivíduos e/ou por meio de suas vocalizações. O número de espécies identificadas não é exaustivo, podendo ainda novas espécies virem a ser registradas com o passar do tempo.

AGRADECIMENTOS

O presente guia em tuas mãos é a manifestação material do sonho da Dra. Ema Salomão em dar seguimento ao ideal de seu marido, Edoardo Bonetti, de transformar a sua propriedade, antes dedicada ao ensino de executivos, em um centro cultural e de educação ambiental. O Guia das Aves do CAEB é o resultado de um ano de estudo e de muito trabalho posterior da equipe de profissionais do Centro para o editar e buscar ao máximo prover as informações essenciais de forma clara e concisa para estimular a observação de aves como meio educativo e, porque não, cultural. A identificação das espécies, pesquisa e redação do texto ficou a cargo do médico veterinário Vagner L. Camilotti. O trabalho de editoração foi eximamente elaborado por Gustavo Oliveira, que entendeu perfeitamente a ideia de como transformar texto em composição visual para deixar em evidência as informações para a identificação das espécies pelo observador de aves. O trabalho por si não estaria finalizado se não fosse a colaboração voluntária de fotógrafos (ornitólogos e amantes da observação de aves) com suas magníficas fotos da avifauna brasileira. Muitos colaboraram com diversas fotos, mas como foi necessário escolhermos uma única para representar cada espécie, alguns não tiveram aqui seu trabalho exposto. De qualquer maneira, a boa vontade foi encorajadora para que este projeto se concretizasse, resultando no que hoje tens em mãos. Eis abaixo a lista de fotógrafos que gentilmente cederam suas fotos para esse guia. Um muito obrigado a todos.

Amauri Silva
Bjørn-Einar Nilsen
Christian Camargo
Claudio Timm
Danilo Schinke
Fábio André Facco Jacomassa
Fernando Faria
Gabriel Jorge
Joao Sergio Barros

Leonardo de Oliveira Casadei
Luiz Carlos Ribenboim
Matusalem Miguel
Renato Candemil
Rodrigo Ferraz
Saulo Gomes
Valeria Vieira
Whaldener Endo

GUIA DAS
AVES

An orange silhouette of a bird in flight, positioned to the right of the word 'AVES', with its wings overlapping the letter 'S'.

CENTRO AMBIENTAL
EDOARDO BONETTI



CENTRO AMBIENTAL
EDOARDO BONETTI